

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

ALINE FERREIRA ANTUNES  
(ORGANIZADORA)

Atena  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

**DOI 10.22533/at.ed.4302015121**

### **CAPÍTULO 2..... 18**

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.4302015122**

### **CAPÍTULO 3..... 35**

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

**DOI 10.22533/at.ed.4302015123**

### **CAPÍTULO 4..... 50**

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.4302015124**

### **CAPÍTULO 5..... 69**

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.4302015125**

### **CAPÍTULO 6..... 85**

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

**DOI 10.22533/at.ed.4302015126**

### **CAPÍTULO 7..... 94**

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

**DOI 10.22533/at.ed.4302015127**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>102</b>
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4302015128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>128</b>
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA ( <i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiúscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4302015129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>152</b>
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>165</b>
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>181</b>
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151213</b>	

<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>199</b>
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151214</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>211</b>
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151215</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>228</b>
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151216</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>247</b>
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151217</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>266</b>
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151218</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>277</b>
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151219</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>284</b>
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151220</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>291</b>
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151221</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>304</b>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151222</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>311</b>
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151223</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>320</b>
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151224</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>333</b>
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.43020151225</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>349</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>350</b>

# CAPÍTULO 13

## COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL

Data de aceite: 01/12/2020

**Paulo Robério Ferreira Silva**

Universidade Estadual de Montes Claros  
(UNIMONTES).

Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/  
Minas).  
Bolsista CAPES

**RESUMO:** Colonialidade, modernidade e decolonialidade formam uma tríade. Se a colonialidade é a face obscura da modernidade, tal moeda, em sua dupla face, tem sido desvelada pela decolonialidade. Seu uso ocorreu, primeiramente neste continente que veio ser chamado de América pelo colonizador, e daqui se espalhou pelo mundo. Foi trocada por saberes, histórias e gentes. Valorizou-se, sobremaneira, nos últimos cinco séculos. Para lidar com sua pujante capacidade de (re) invenção, o reconhecimento da “diferença colonial” passa a ser condição *sine qua non* para a emergência de uma razão de fronteira, ou seja, o pensamento liminar, como advoga Walter Mignolo. Neste estudo, pretendo apresentar, mesmo que de forma incipiente, alguns aspectos da teoria decolonial, no sentido de indicar como este campo do conhecimento tem sido profícuo para o estudo de temas relacionados aos povos e saberes da América Latina e Caribe que sofreram e sofrem a violência da colonização/pós-colonização.

**PALAVRAS - CHAVE:** Decolonialidade.

Colonialidade. Modernidade.

### COLONIALITY, MODERNITY AND DECOLONIALITY: FOR THE SEARCH FOR DENIED HUMANITIES

**ABSTRACT:** Coloniality, modernity and decoloniality form a triad. If coloniality is the dark side of modernity, such a coin, in its double face, has been unveiled by decoloniality. Its use occurred, first in this continent that came to be called America by the colonizer, and from here it spread throughout the world. It was exchanged for knowledge, stories and people. It has been highly valued in the last five centuries. In order to deal with its vigorous capacity for (re) invention, the recognition of the “colonial difference” becomes a *sine qua non* condition for the emergence of a frontier reason, that is, the preliminary thinking, as advocated by Walter Mignolo. In this study, I intend to present, even if in an incipient way, some aspects of decolonial theory, in the sense of indicating how this field of knowledge has been useful for the study of themes related to the peoples and knowledge of Latin America and the Caribbean who have suffered and suffer colonization / post-colonization violence.

**KEYWORDS:** Decoloniality. Coloniality. Modernity.

### INTRODUÇÃO

A emergência do giro decolonial, como vem ocorrendo desde a última década do século passado na América Latina, tem provocado transformações significativas na produção



acadêmica e em sua apropriação pela sociedade. Este giro ocorre num esforço de pesquisadores e instituições em, por um lado, intercambiar saberes tradicionais e acadêmicos que foram subalternizados pelas ideologias da colonialidade e da modernidade e, por outro, colocar sob rasura a própria hegemonia da ciência colonial/moderna. Abrem-se uma plêiade de possibilidades de investigação e produção de novas teorias e metodologias. Para tanto, na perspectiva do giro decolonial, duas condições que se complementam precisam ser observadas: primeiro, o reconhecimento da “diferença colonial”, ou seja, a transformação de diferenças culturais entre colonizadores e colonizados em valores que classificam os grupos sociais a partir das ideologias da colonialidade/modernidade (MIGNOLO, 2003); segundo, o “pensamento liminar”, que significa o localizar-se entre a hegemonia da modernidade e a condição de subalternização imputada pela colonialidade, no sentido de investir contra estas ordens dominantes e trazer à baila sujeitos, conhecimentos e práticas que foram e são negados pela violência da (pós) colonização.

Neste estudo, pretendo apresentar alguns dos aspectos deste giro decolonial, considerando que em seu conjunto, eles indicam caminhos profícuos para lidar com os grandes desafios históricos e contemporâneos que se manifestam na América Latina; e não apenas. Partindo da ideia de *decolonialidade* como campo de conhecimento e político, sobretudo, de crítica epistemológica e histórico-política à colonização da América, além de um território apropriado para a construção científica de novas formas de apreender o mundo, o objetivo aqui é fazer tensionar colonialidade e modernidade. Enquanto esta foi abertamente promovida e reinventada ao longo destes últimos séculos, aquela permaneceu camuflada e até mesmo negada pela ciência produzida e difundida hegemonicamente no além-mar e no lado Norte de América, ao passo que aqui, ao Sul, foi consumida vorazmente. A colonialidade e a modernidade produziram a América em que vivemos. A decolonialidade propõe enfrentar as ideologias da colonialidade e da modernidade, com o fito de contribuir para desconstruir a América que foi forjada no sofrimento, na dor e no medo dos povos que foram vítimas da colonização europeia.

Por não ser um estudo exaustivo da decolonialidade – condição seguramente impossível para este espaço –, o que busco aqui é discutir o giro decolonial a partir de questões que vão desde o seu surgimento, quando da crítica aos estudos subalternos latino-americanos, até alguns desafios teórico-metodológicos e ético-políticos; passando ainda por aspectos estruturais, como a evidência da colonialidade do poder, do saber e do ser, a (re)significação da modernidade, e a decolonialidade como epistemologia anti-colonial/moderna. Trata-se, em grande medida, de uma espécie de “primeiro olhar” pela fresta da porta que vai se abrindo para um mundo de novos desafios e possibilidades, e talvez até mesmo de reencontro com nós mesmos, ou seja, com as nossas humanidades negadas.

## DECOLONIALIDADE

A decolonialidade<sup>1</sup> é um fenômeno que se manifesta fundamentalmente em duas direções, como mostram Mignolo e Pinto (2015): uma delas se refere ao movimento de transformação das ex-colônias europeias em Estados-nações soberanos; a outra, no esforço de desvinculação, direta ou indireta, da dominação política, econômica, subjetiva, epistêmica, entre outras, ocidentalocêntrica<sup>2</sup>. Os sentidos atribuídos à decolonialidade, no entanto, só seriam possíveis ao se esboçarem na tensão com a colonialidade/modernidade. Como mostra Mignolo (2008, p. 247), “*la conceptualización misma de la colonialidad como constitutiva de la modernidad es ya el pensamiento de-colonial en marcha*”<sup>3</sup> Se colonialidade e modernidade são, por tal lógica, as duas faces da mesma moeda nos vigorosos processos colonizadores que se arrastam pela América (e outras áreas do planeta) por mais de cinco séculos, embora a primeira tenha sido “esquecida”, ou talvez fosse mais apropriado dizer: escondida, pelo pensamento hegemônico ocidentalocêntrico, a decolonialidade significa não apenas a resistência a este domínio colonizador, como também a possibilidade concreta de superação dessas forças, invisíveis e visíveis, que perpassam hegemonicamente as diferentes dimensões das sociedades latino-americanas. Nesse sentido, Mignolo (2008a, p. 10), foi enfático: “[...] *si, por un lado, colonialidad es la cara invisible de modernidad es también, por otro lado, la energía que genera la descolonialidad*”<sup>4</sup>.

A manifestação embrionária da decolonialidade ocorreu ainda na segunda década do século XVII. Em um manuscrito de mil e duzentas páginas, intitulado *Nueva Coronica y Buen Gobierno*<sup>5</sup>, escrito em Cuzco, em 1613, de autoria do peruano andino Felipe Guaman Poma de Ayala (1534-1615), escrito em uma mistura de quíchua e espanhol, o autor propõe e chama à responsabilidade o rei Felipe III, da Espanha, para a realização, em conjunto com as elites andinas, de uma nova forma de governo. Como mostra Pratt (1999), no documento Guaman Poma de Ayala, defende uma nova visão de mundo. Para isso, primeiramente reescreveu a história da cristandade, com o objetivo de incluir nela os povos naturais da América. Em seguida, mostrou em detalhes a história e os modos

1 Os textos que tratam das discussões sobre a *decolonialidade* ora grafam tal termo com “s”, ora sem; tanto quanto, decolonial como descolonial. No entanto, a supressão do “s”, conforme Mignolo (2010), tanto distingue das ideias de descolonização da África e da Ásia, ocorrido no pós-Segunda Guerra, como se afasta do pós-colonialismo, que ainda carregaria em sua essência o eurocentrismo combatido pelo movimento decolonial. Ainda segundo Mignolo (2010, p. 19), “*La ventaja pedagógica de la de-colonialidad sobre decolonización es doble. Por un lado, nombra la tarea de desvelar y deshacer “la lógica de la colonialidad” y, por otro lado, nombra un proyecto y un proceso que deberían ser distinguidos de los diversos significados atribuidos a la ‘pos-colonialidad’*”. (A vantagem pedagógica da descolonialidade sobre a descolonização é dupla. Por um lado, ele nomeia a tarefa de desvendar e desfazer “a lógica da colonialidade” e, por outro lado, nomeia um projeto e um processo que devem ser distinguidos dos vários significados atribuídos à “pós-colonialidade”). (Tradução nossa, bem como as demais).

2 Ou seja, o domínio imperialista exercido por países centrais europeus e pelos Estados Unidos.

3 “A conceitualização mesma da colonialidade como constitutiva da modernidade é já o pensamento de-colonial em marcha”.

4 “Se, por um lado, a colonialidade é a face invisível da modernidade, é também por outro lado, a energia gerada pela descolonialidade”.

5 O documento foi enviado ao rei Felipe III da Espanha e está arquivado nos Arquivos Reais Dinamarqueses (PRATT, 1999).

de vida dos povos andinos, destacando os seus líderes. Também tratou da exploração espanhola, denunciando a violência e os desmandos dos europeus. Por fim, em uma entrevista imaginária, ele então indica como seria um governo em colaboração entre andinos e europeus.

Outro importante documento, *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*<sup>6</sup>, é do final do século XVIII. Foi produzido por Quobna Otabbah Cugoano (1757-1791), um escravizado liberto, e publicado em Londres, na Inglaterra, em 1787. Nesse contundente documento, Cugoano revela, conforme sua própria experiência e reflexões, o mal da escravidão e a sua incongruência com a existência da própria sociedade defendida pelos europeus. Para ele, a liberdade do homem não estava em sua relação com a propriedade, como difundia o pensamento liberal, mas em relação aos outros homens. Tanto Ayala como Cugoano, como percebeu Mignolo (2008b), ao questionarem as bases da modernidade, inauguraram o “pensamento de fronteira” (tema que será discutido posteriormente).

A manifestação desse pensamento liminar vem ocorrendo nestes séculos de colonização com certa frequência nos mais diferentes lugares da América. A título de exemplificação, tomem-se as contribuições do cubano José Martí (1853-1895), do peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) e dos brasileiros Manoel Bomfim (1868-1932) e Darcy Ribeiro (1922-1997). Martí, em sua obra *Nuestra América*, publicada em 1891, já defendia que a América Latina e o Caribe deveriam ser pensados e construídos a partir deles mesmos. A ideia de “pátria grande” se apoiava, entre outras coisas, tanto no entendimento de que aqui surgiu um povo novo, diferente dos autóctones, dos africanos e dos europeus, como também era preciso superar o referencial de modernidade tomado emprestado dos Estados Unidos. Para Martí, a América Latina deveria construir seu próprio e inédito caminho (MARTÍ, 2005).

Pouco tempo depois, outra importante obra também se tornaria referência naquilo que se pode chamar de pensamento decolonial embrionário. Trata-se de *América Latina: males de origem*, de Manoel Bomfim, publicado em 1905. Bomfim inaugura um contradiscurso à hegemonia da perspectiva do darwinismo social, então em voga. Para ele, os intelectuais que procuravam lidar com a América Latina ou se valiam do senso comum ou procuravam entender a realidade por meio de teorias importadas, portanto, por dois caminhos que não permitiriam se chegar aos objetivos desejados. Entre suas contribuições, descartou as teorias racistas como condição para se entender a formação das sociedades colonizadas da América Latina, dando ênfase, ao contrário, às instituições do sistema colonial como causa dos males que provocam o atraso da América Latina (BOMFIM, 2013). A originalidade e astúcia do pensamento de Manoel Bomfim pode ser mais bem dimensionada, como foi percebida por Ribeiro (2013, p. 11), ao afirmar que: “Também antes do que qualquer outro, Manoel Bomfim nos deu o diagnóstico do racismo como a técnica ideológica europeia de dominação e escravização”.

6 “Pensamentos e sentimentos sobre o mal da escravidão”.

Entre outras importantes contribuições ao pensamento decolonial, José Carlos Mariátegui trouxe à baila a importância e centralidade das culturas originárias da América. Para ele, o atraso se manifesta na cultura europeia, pois foi esta que desmantelou o “desenvolvimento” das culturas pré-colombianas centradas social e eticamente. “*La colonización de la América Latina por la raza blanca no ha tenido, en tanto, como es fácil probarlo, sino efectos retardatarios y deprimentes en la vida de las razas indígenas. La evolución natural de estas ha sido interrumpida por la opresión envilecedora del blanco y del mestizo*” (MARIÁTEGUI, 1969, p. 24-25)<sup>7</sup>.

Assim como Manoel Bomfim, Mariátegui rompe com o determinismo da raça e propõe que são pelos temas sociais que se poderia apreender a realidade dos homens em sociedade. Nesse caso, sua proposta de “superação” do eurocentrismo se sustenta na importância e centralidade dos saberes originários da América Latina.

Na segunda metade do século XX, Darcy Ribeiro, também influenciado pelo pensamento de Manoel Bomfim, como o mesmo manifesta: “Lendo-o, me vi diante de todo um pensador original, o maior que geramos, nós, latino-americanos. Um pensador plenamente maduro em 1905, que foi quando publicou seu livro. Desde então isso me intriga. Por que ninguém sabe dele? Por que ele não exerceu nenhuma influência?” (RIBEIRO, 2013, p. 6) investiu e contribuiu para amplificar as vozes que faziam vibrar o pensamento decolonial embrionário. Em obras como: *O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização*, de 1968; *Os brasileiros: teoria do Brasil*, de 1978; e *América Latina: a pátria grande*, de 1986, entre tantas outras, Ribeiro invoca a necessidade de se falar a partir da América Latina não como um lugar inferior, como historicamente posto pela ciência ocidentalocêntrica, mas, ao contrário, como um vigoroso caldeirão de saberes que precisavam ser exteriorizados para dar vazão a outras formas de organização das sociedades não mais subjugadas pelas hegemonias colonizadoras e suas derivações.

Como mostra Mignolo (2003), Darcy Ribeiro reconheceu o estado liminar ao se declarar *antropologiano*, ou seja, aquele que ocupa o lugar tanto de objeto como de sujeito do conhecimento, diferentemente dos antropólogos de países europeus e dos Estados Unidos que se autoproclamam apenas sujeitos do conhecimento. Tal condição permite, então, ao “antropologiano” lidar com a tensão entre as hegemonias dos colonizadores e a incorporação da subalternização por parte dos colonizados. Como afirma Ribeiro “Mesmo as camadas mais inteligentes dos povos não-europeus acostumaram-se a enxergar-se e a suas comunidades como infra-humanidade, cujo destino era ocupar uma posição subalterna pelo simples fato de que a sua era inferior à da população europeia” (apud MIGNOLO, 2003, p. 36).

---

<sup>7</sup> “A colonização da América Latina pela raça branca não teve, no entanto, como é fácil provar, senão efeitos retardatários e deprimentes na vida das raças indígenas. A evolução natural destes foi interrompida pela opressão degradante do branco e do mestiço”.

## O GRUPO MODERNIDADE/COLONIALIDADE

No final da última década do século XX, a criação do grupo Modernidade/Colonialidade, que realizou seu primeiro encontro em 1998 na Universidad Central de Venezuela, apoiado pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), reuniu importantes intelectuais dedicados ao estudo da América pela perspectiva da decolonialidade, como Walter Mignolo, Anibal Quijano, Enrique Dussel, Fernando Coronil, Edgardo Lander e Arturo Escobar. Teria se formalizado ali o que foi chamado posteriormente de *giro decolonial*<sup>8</sup>. Para mais bem entendê-lo, no entanto, é preciso retornar à criação, em 1992, do *Grupo Latino-americano de Estudios Subalternos* (GLAES). O surgimento desse grupo foi inspirado no Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos. No “Manifesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos” tanto se evidenciavam os aspectos que foram referenciados no grupo asiático, como se apresentou um panorama da realidade latino-americana daquele momento, bem como as possíveis estratégias a serem realizadas pelo grupo. A ideia central era dar voz e visibilidade ao subalterno, espoliado nestes cerca de cinco séculos de colonização e exploração. “*No se trata, por ello, de desarrollar nuevos métodos para estudiar al subalterno, nuevas y más eficaces formas de obtener información, sino de construir nuevas relaciones entre nosotros y aquellos seres humanos que tomamos como objeto de estudio*”<sup>9</sup> (CASTRO-GÓMEZ e MENDIETA, 1998, p. 81).

A experiência do GLAES foi significativamente profícua, no sentido também de colocar a América Latina e o Caribe no bojo das discussões pós-colonialistas. Sob a influência das ideias de grandes pensadores como Franz Fanon, Aimé Césaire, Albert Memmi, Ranajit Guha, Gayatri Chakrabarty Spivak, Partha Chatterjee, Dipesh Chakrabarty, Homi Bhabha, Edward Said, Stuart Hall, entre outros, o grupo evidenciou, sobremaneira, as relações entre centro e periferia, com ênfase nas denúncias da violência e dos prejuízos imputados aos povos latino-americanos pela colonização.

A partir das próprias atividades dos pesquisadores envolvidos no GLAES, surgiram instigantes críticas ao pós-colonialismo, com destaque para, as realizadas por Walter Mignolo, entre outras<sup>10</sup>. Para ele, o pensamento pós-colonial, gestado na Europa e nos Estados Unidos, sobretudo por intelectuais de ex-colônias, e assentado na teoria crítica inerente ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo, não seria suficiente para lidar com as mudanças que se evidenciavam na América e em outras partes do planeta. Em um encontro ocorrido em maio de 2003, intelectuais latino-americanos puseram à mesa tais demandas. As questões giraram em torno de como a teoria crítica frankfurtiana de

8 O termo foi utilizado pela primeira vez por Nelson Maldonado-Torres em uma conferência ocorrida em Berkeley, Califórnia, EUA, em 2005.

9 “Não se trata, portanto, de desenvolver novos métodos para estudar o subalterno, novas e mais eficazes formas de obter informações, mas para construir novas relações entre nós e aqueles seres humanos que tomamos como objeto de estudo”.

10 O tema já aparecia, como mostra Mignolo (2007), em conversas, reflexões e artigos de importantes pensadores decoloniais, como Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez e Nelson Maldonado-Torres.

Horkheimer lidaria com as “revoluções globais” protagonizadas por atores que foram subjugados e subalternizados durante os últimos 500 anos; e ainda: como a “teoria crítica” lidaria com questões de gênero, raça e natureza; bem como poderia ser assimilada pelo projeto latino-americano da Modernidade/Colonialidade (MIGNOLO, 2007). Teria, pois, se verificado que as críticas pós-estruturalistas feitas, por exemplo, por Foucault, Derrida, Deleuze e Guattari, embora com pretensões de universalidade, permaneciam provincianas (MIGNOLO, 2003).

## GIRO DECOLONIAL

O *giro decolonial*, então, passou a se evidenciar realmente a partir do movimento M/C, quando se fez necessário e urgente a construção de epistemologias sustentadas nas demandas e necessidades da América Latina e do Caribe. Três eixos – não hierárquicos –, desse modo, se tornaram evidentes: primeiro, um estado permanente de crítica à ciência ocidentocêntrica e aos seus danos provocados na América Latina (e no mundo). Essa crítica, no entanto, deveria ser feita por dentro, no sentido de revelar suas entranhas e ser remoída, visando não a sua negação, mas a sua superação e, oxalá, reinvenção; segundo, evidenciar os saberes latino-americanos. Descobrir o que foi encoberto durante mais de cinco séculos de violência contra o povo e suas formas próprias de estar no mundo e transformá-lo; terceiro, recontextualizar as narrativas e as metanarrativas, para fazer emergir a história e os discursos que foram e têm sido negados e escondidos pelo colonizador e, sobremaneira, pelos eurodescendentes direta ou indiretamente beneficiados com esta espoliação que transformou este continente em um território marcado pelo ódio e violência contra a grande maioria da população que foi e tem sido subjugada.

Ballestrin (2013, p. 110), identificou algumas importantes contribuições do grupo M/C, entre elas: a narrativa que coloca a América Latina como o continente que funda a colonialidade e a modernidade; a importância deste continente como laboratório do racismo que sustenta o colonialismo; o reconhecimento da “diferença colonial” como base da distinção entre colonizador e colonizado; a emergência da colonialidade do poder, do saber e do ser como estruturas opressoras; e a perspectiva decolonial como novos horizontes utópicos para a libertação humana.

Nesse sentido, o *giro decolonial* pode ser apreendido como um movimento teórico/prático, político e epistemológico (BALLESTRIN, 2013) que visa a realização de uma condição pluriversal de existência, em que todos os sujeitos sócio-históricos manifestariam, a partir de seus próprios saberes e por meio dos processos interativos, as diferentes formas de fazer e significar as suas realidades. Trata-se de um ecumenismo que tem como principal adversário o ocidentocentrismo, enraizado, como dito alhures, num inevitável provincialismo que se pretende hegemônico/universal.

## COLONIALISMO E COLONIALIDADE

Se a decolonialidade expõe e provoca a tensão entre colonialidade e modernidade, seria essa tensão que vai ser tomada, em grande medida, como substrato para o giro decolonial. Antes, no entanto, de lidar com as implicações da colonialidade e da modernidade como fenômenos que constituiriam, sobremaneira, a América, e em particular a América Latina e o Caribe, faz-se mister enfatizar a diferença entre colonialismo e colonialidade, embora o segundo esteja diretamente vinculado ao primeiro. Como mostra Quijano (2010, p. 84), o *colonialismo* especifica “[...] uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial”. Para o que se vai discutir *a posteriori*, também é importante frisar, como destaca esse filósofo peruano, que o colonialismo nem sempre implica relações racistas de poder e que, embora de constituição mais antiga que a colonialidade, não teria o mesmo vigor que esta última; também não sendo possível, tal qual se desenvolveu na América, sem a estupefata força da colonialidade.

A viabilidade da colonização, em suas diferentes faces, que vem sendo realizada na América desde o final do século XV, só teria sido possível mediante a institucionalização de um vigoroso sistema de dominação social, política e econômica, entre outros, que repercutiria em todas as dimensões da vida humana (QUIJANO, 2010). O que se evidenciou a partir da chegada dos europeus a *Abya Yala*<sup>11</sup> foi a estruturação e expansão de um projeto que a partir daqui seria levado ao mundo, inaugurando o que Wallerstein (1990) chamou de *sistema mundo moderno*. Como mostra Quijano (2007, p. 134), estabeleceu-se a partir da América “Um novo sistema de dominação social que consiste, antes de tudo, na classificação social e básica da população do planeta em torno da ideia de *raça* e em relação à qual se redefinem todas as formas anteriores de dominação, especialmente o modo de controle do sexo, da intersubjetividade e da autoridade”. Ainda conforme Quijano (2007), junto com tal classificação “racista” emergem também a América, a Europa e o capitalismo. Constitui-se desde então o que teria sido a mais profunda e também duradoura manifestação do domínio colonial da história humana. A mais eficaz forma de dominação social, tanto material como intersubjetiva, estabeleceu o atual modelo de poder mundial.

Na mesma batida, ainda no dizer de Quijano (2007, p. 134), também foi instituído

Um novo sistema de exploração social ou de controle do trabalho, que consiste na articulação de todas as formas de exploração historicamente conhecidas – escravidão, servidão, pequena produção mercantil simples, reciprocidade e

---

11 O termo vem sendo utilizado desde 2004, sobretudo por povos originários e pelo movimento decolonial, como sinônimo e em substituição a América. *Abya Yala* é um termo utilizado pelo povo Kuna, originário da Colômbia e que atualmente habita a costa caribenha do Panamá, e designa Terra madura, Terra viva ou ainda Terra em florescimento, como mostra Porto-Gonçalves (2009). Ainda conforme esse cientista brasileiro, o termo *América* teria sido utilizado pela primeira vez em 1507; no entanto, só se consagraria entre o final do século XVIII e início do XIX, quando as elites crioulas deste continente procuraram se distinguir dos europeus em face dos processos emancipatórios em voga naquele período.

capital – em uma única estrutura de produção de mercadorias para o mercado mundial, em torno da hegemonia do capital e por esse motivo se caracteriza em seu conjunto como capitalista.

Entendendo o *capitalismo* como a articulação estrutural e o *capital* como uma forma específica de controle do trabalho, fundado na mercantilização da força de trabalho, Quijano (2007) aponta que estaria aí a sua condição dominante, resultando na centralidade do *capitalismo*, que se realizaria em associação com outras forças de exploração.

## COLONIALIDADE E MODERNIDADE

Foi nas entranhas dessas estruturas e processos de dominação colonial que se configurou a colonialidade e a modernidade. Ambos os fenômenos não existiriam e fariam sentido se apreendidos independentemente um do outro, embora, no caso da modernidade, tenha havido por parte da ciência e da filosofia eurocentradas um esforço para tanto, ou, como observa Maldonado-Torres (2010, p. 138), um certo “esquecimento da colonialidade”. Em todo caso, como assevera Quijano (2010, p. 84), a colonialidade, expressão do padrão mundial de poder capitalista, se caracteriza pela “imposição de uma classificação racial/ étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal”.

Já a modernidade, quer-se uma forma de dominação mais sutil e, em certa medida, mais sofisticada. Arroga para si a supremacia da civilização europeia ocidental como o estágio mais “evoluído” dos modos de organização das sociedades humanas. Assentada na colonialidade, a modernidade também se projeta ao mundo a partir das experiências ocorridas na América desde o final do século XV. Como mostram Mignolo e Pinto (2015, p. 385), mesmo tendo um caráter meramente discursivo e de narrativas de experiências locais de certos países imperialistas europeus, “A ela interessa apresentar-se como realidade objetiva, ‘natural’, necessária e inevitável, eliminando, assim, toda e qualquer possibilidade de contestação e de reexistência ou busca de outros mundos”. Em outras palavras, apresentando-se como “[...] verdades objetivas, ‘naturais’, universais, comuns a todos os povos que habitam o planeta” (MIGNOLO e PINTO, 2015, p. 386).

Ballestrin (2013, p. 102) elencou alguns importantes aspectos dessa pretensão hegemônica da modernidade:

1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica).
2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral.



3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (e, de fato, um desenvolvimento unilinear e a europeia o que determina, novamente de modo inconsciente, a “falácia desenvolvimentista”).

4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial).

5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etcetera).

6. Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (por opor-se ao processo civilizador) que permite à “Modernidade” apresentar-se não apenas como inocente mas como “emancipadora” dessa “culpa” de suas próprias vítimas.

Além desse caráter discursivo e local com arroubos universais, a modernidade também manifesta a pretensão de dominação epistêmica, política e econômica. Para tanto, um segundo fundamento – além da arrogância de estar no “topo civilizatório” – tem sido utilizado. Trata-se da lógica do “marco zero”. Este seria um ponto de partida, supostamente neutro, tanto quanto absoluto, portanto, inquestionável, forjado pela ciência a partir do iluminismo, em que, como mostra Castro-Gómez (2005), o ideal para o “cientista esclarecido” é afastar-se epistemologicamente da linguagem manifestada cotidianamente, pois esta seria carregada de erros, para, efetivamente se colocar numa espécie de marco zero. Em tal condição, detendo uma “linguagem universal da ciência”, pode-se nomear o mundo em sua totalidade. Tomada com a mais perfeita de todas as línguas humanas, a linguagem científica que emerge do Iluminismo se sustentaria na pretensa lógica de uma razão universal.

Para Grosfoguel (2007, p. 64-65),

*Se trata, entonces, de una filosofía donde el sujeto epistémico no tiene sexualidad, género, etnicidad, raza, clase, espiritualidad, lengua, ni localización epistémica en ninguna relación de poder, y produce la verdad desde un monólogo interior consigo mismo, sin relación con nadie fuera de sí. Es decir, se trata de una filosofía sorda, sin rostro y sin fuerza de gravedad. El sujeto sin rostro flota por los cielos sin ser determinado por nada ni por nadie. [...] será asumida por las ciencias humanas a partir del siglo XIX como la epistemología de la neutralidad axiológica y la objetividad empírica del sujeto que produce conocimiento científico<sup>12</sup>.*

---

12 “Trata-se, então, de uma filosofia na qual o sujeito epistêmico não tem sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder, e produz a verdade desde um monólogo interior consigo mesmo, sem relação com ninguém fora de si. Isto é, trata-se de uma filosofia surda, sem rosto e sem força de gravidade. O sujeito sem rosto flutua pelos céus sem ser determinado por nada nem por ninguém [...]. Será assumida pelas ciências humanas a partir do século XIX como a epistemologia da neutralidade axiológica e da

## COLONIALIDADE DO PODER, DO SABER E DO SER

Como se viu até aqui, a colonialidade teria centralidade no pensamento decolonial dado ser o substrato das inter e intra relações sociais<sup>13</sup>, caracterizando-se por naturalizar as mais diferentes formas de hierarquias, como as raciais, de saberes, territoriais, de gênero, religiosas, culturais etc. Trata-se, na verdade, da mais pujante força simbólica que, em associação com a modernidade e o capitalismo, produziram a ordem hegemônica que vem se impondo ao mundo nos últimos séculos.

A *colonialidade do poder*, como assim denominou Aníbal Quijano, e que se refere à face oculta da modernidade, permitiu aos europeus dividir o mundo entre civilizados e bárbaros/primitivos, modernos e tradicionais, evoluídos e atrasados, racionais e irracionais, ocidentais e orientais, desenvolvidos e subdesenvolvidos etc. Criou ainda categorias, como: índio, negro, mestiço, mameluco, cafuzo, caboclo, mulato, crioulo, brasileiro, argentino, peruano, equatoriano etc.; bem como reinventou outras: europeu, espanhol, português, homem, mulher, cristão etc. Por outro lado, legitimou o domínio do homem branco, patriarcal, heterossexual, cristão, proprietário, letrado, militar e capitalista europeu/estadunidense, bem como dos seus descendentes espalhados pela América Latina<sup>14</sup>.

Faz-se mister ressaltar ainda que, no bojo da colonialidade do poder, também se manifestaram e manifestam as colonialidades do saber e do ser. Se a colonialidade do poder, como mostra Maldonado-Torres (2007, p. 130), “[...] se refere à inter-relação entre formas modernas de exploração e dominação, e a colonialidade do saber tem a ver com o papel da epistemologia e as tarefas gerais da produção de conhecimento na reprodução de regimes de pensamento colonial, a colonialidade do ser refere-se, então, à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem”. Citando Walter Mignolo, Maldonado-Torres (2007) entende que ciência e linguagem não estão separadas. As linguagens, além de remeter às identidades, também são os lugares de manifestação do conhecimento. “[...] as línguas não são coisas que os seres humanos têm, mas algo que são, a colonialidade do poder e do conhecimento, portanto, geram a colonialidade do ser” (MIGNOLO *apud* MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130). Nesse sentido, ainda conforme Maldonado-Torres (2007, p. 130), “O surgimento do conceito de ‘colonialidade do ser’ responde, portanto, à necessidade de esclarecer a questão sobre os efeitos da colonialidade na experiência, e não apenas na mente dos sujeitos subordinados”.

## GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO

Os efeitos dessa dominação têm sido extremamente danosos e nefastos para as populações da América Latina e do Caribe ao longo destes últimos cinco séculos. Aquilo objetividade empírica do sujeito que produz conhecimento científico”.

<sup>13</sup> Entendida como síntese de todas as relações entre indivíduos e grupos de indivíduos, com as relações econômicas, políticas, religiosas, artísticas etc.

<sup>14</sup> Ver Grosfoguel (2008).

que começou com a chegada de Colombo e outros europeus mostrou-se significativamente resiliente e com altíssimo poder de (re)invenção. A face atual desse domínio sobre esta parte da América se manifesta agora como globalização e neoliberalismo. Para Quijano (2005), a globalização é a culminância de um padrão de poder mundial que teve início na América com a constituição do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado. Longe de caracterizar uma “aldeia global” sustentada por Estados metropolitanos e por corporações e meios de comunicação de alcance global, como critica Coronil (2005, p. 55), aquilo que pode ser chamado de “globalização neoliberal” “[...] polariza, exclui e diferencia, mesmo quando gera algumas configurações de interação translocal e de homogenização cultural”. E mais: seria ainda

[...] implosiva ao invés de expansiva, conecta centros poderosos a periferias subordinadas. Seu modo de integração é fragmentário ao invés de total. Constrói semelhanças sobre uma base de assimetrias. Em suma, unifica dividindo. Em vez da reconfortante imagem da aldeia global, oferece, de diferentes perspectivas e com diferentes ênfases, uma visão inquietante de um mundo fraturado e dividido por novas formas de dominação (CORONIL, 2005, p. 55).

A globalização neoliberal significaria, desse modo, a suplantação do lugar como possibilidade de manifestação das realidades que foram tomadas como “indesejáveis” da modernidade. Como mostra Escobar (2005), o lugar foi, em grande medida, ignorado na construção do mundo globalizado e severamente questionado quando referido à cultura. Por tal seara, o lugar teria ficado fora da “festa” da globalização, o que implicou, em contraponto, na supremacia do global. Este, associado ao espaço, ao capital, à história e a sua agência, tomou para si a condição de hegemônico, subalternizando, com isso, o local, reduzido ao lugar, ao trabalho e às tradições. Tal embate, no entanto, revelou uma série de danos referentes à compreensão de aspectos relacionados à cultura, ao conhecimento, à natureza e à própria economia. Ainda assim, “o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez de todas” (ESCOBAR, 2005, p. 69).

## **PENSAMENTO LIMINAR**

Considerando ser impossível não apenas pensar e apreender a modernidade sem a colonialidade, bem como desvincular a gênese do capitalismo das experiências que foram desenvolvidas na e a partir da América, enveredar pela seara da decolonialidade exige ainda, entre tantas outras coisas, a condição de se estar num lugar de fronteira, ou seja, numa espécie de gnose liminar em que só mesmo por meio do *pensamento liminar*, aos moldes do que propôs Mignolo (2003), seria possível situar as reais demandas dessas transformações que vêm ocorrendo na América em face do questionamento da

hegemonia eurocêntrica (ocidentalocêntrica). Vale destacar ainda que eurocentrismo (ocidentalocentrismo) é entendido aqui, não como exclusivamente “[...] a perspectiva cognitiva dos europeus (estadunidenses), ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob a sua hegemonia” (QUIJANO, 2010, p. 86). Ainda conforme Quijano (2010, p. 86), “Trata-se da perspectiva cognitiva durante o longo tempo do conjunto do mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder. Ou seja, fá-las entender como naturais, conseqüentemente como dadas, não suscetíveis de ser questionadas”.

Para Mignolo (2003), esse questionamento do sistema mundial colonial/moderno, em seus diferentes desdobramentos, fez emergir outro pensamento, um pensamento liminar sustentado em uma razão pós-ocidental, como já comentado. Em linhas gerais, pode-se dizer que o pensamento liminar põe sob rasura a produção do conhecimento pautada, sobremaneira e até então, pela colonização epistêmica e pela subordinação e/ou exclusão de saberes dos povos da América não absorvidos pelos cânones da ciência eurocêntrica. Nesse sentido,

A gnose liminar, enquanto conhecimento em uma perspectiva subalterna, é o conhecimento concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno; gnosiologia marginal, enquanto discurso sobre o saber colonial, concebe-se na intercessão conflituosa de conhecimento produzido na perspectiva dos colonialismos modernos (retórica, filosofia, ciência) e do conhecimento produzido na perspectiva das modernidades coloniais na Ásia, África, nas Américas e no Caribe. A gnosiologia liminar é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir tanto das margens internas do sistema mundial colonial/moderno (conflitos imperiais, línguas hegemônicas, direcionalidade de traduções etc.), quanto das margens externas (conflitos imperiais com culturas que estão sendo colonizadas, bem como as etapas subsequentes de independência ou descolonização). (MIGNOLO, 2003, p. 33-34).

No entendimento de Mignolo (2003), há uma evidente distinção entre a gnosiologia liminar e a epistemologia de caráter ocidentalocêntrico. “Enquanto a epistemologia é uma conceitualização e reflexão sobre o conhecimento articulado em harmonia com a coesão das línguas nacionais e a formação do estado-nação, a gnose liminar constrói-se *em diálogos com a epistemologia a partir de saberes* que foram subalternizados nos processos imperiais coloniais”. (MIGNOLO, 2003, p. 34).

Por tal seara, a gnosiologia liminar não remete a uma situação de sincretismo ou hibridismo, ao contrário, refere-se a um “[...] sangrento campo de batalha na longa história da subalternização colonial do conhecimento e da legitimação da diferença colonial” (MIGNOLO, 2003, p. 35). Trata-se, enfim, na perspectiva da subalternidade, de “[...] uma máquina para a descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica” (MIGNOLO, 2003, p. 76). O que implica, em última instância, tratar-se de uma condição *sine qua non* para todos aqueles que pretendem efetivamente produzir

conhecimento na perspectiva da decolonialidade.

## O GIRO DECOLONIAL E SEUS DESAFIOS

O giro decolonial é, enfim, uma realidade que penetra com muita força não apenas o cotidiano das instituições de pesquisa voltadas para este campo, como todas as dimensões da sociedade que reivindicam respostas para os problemas provocados pela colonização e pela pós-colonização. Trata-se de um importante instrumento a ser utilizado na guerra de de(s)colonização. Uma guerra que começou entre o final do século XV e o início do século XVI; que já vitimou milhões de pessoas e milhares de sociedades; que continua pujante, reinventando-se e provocando novos desafios; mas que não dá sinais de um fim breve.

Além de se localizar neste campo de batalha, o pesquisador que envereda-se por esta seara, também precisa encarar os desafios internos. Ballestrin (2013, p. 112), apontou alguns:

1. É possível romper com a lógica da colonialidade da modernidade sem que abandonemos as contribuições do pensamento ocidental/europeu/iluminista – especialmente, liberalismo e marxismo – para a própria decolonização?
2. Será que o êxito da sua proposta depende de sua própria condição subalterna e periférica?
3. Qual o limite da implosão sobre a base epistemológica das ciências sociais?
4. Será que, ao enfatizar superações e ao negar as influências do pós-estruturalismo, pós-marxismo e pós-colonialismo, o grupo não estaria criando uma nova *hybris del punto cero*?
5. Como lidar com a paternidade europeia das nossas instituições e pensamentos políticos?
6. Como verificar empiricamente hoje o sujeito colonizado?
7. Experiências consideradas decoloniais, como o novo constitucionalismo latino-americano andino, por exemplo, estariam então livres de contradições?
8. Devem-se decolonizar as instituições políticas – ou quais seriam as instituições políticas decoloniais?
9. Como operacionalizar metodologicamente a análise das escalas, níveis, esferas, que a colonialidade perpassa?
10. Os movimentos sociais atuais, em seus discursos e práticas, identificam a colonialidade e reivindicam a decolonização?

Do que sumariamente foi aqui apresentado e agora tensionado com estes desafios apresentados por Ballestrin, e ainda considerando as possibilidades de outros caminhos, talvez não fosse inoportuno perguntar, seguindo a toada de Ailton Krenak, onde está realmente a nossa humanidade? Ou para ser um pouco mais pontual: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube (ocidentalocêntrico) que, na maioria das vezes, só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?” (KRENAK, 2019, p. 8, *destaque nosso*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O giro decolonial, como foi apresentado neste texto a partir de algumas características estruturais teórico-metodológicas e também ético-políticas, tem sido resultado de um grande esforço que vem sendo feito por intelectuais, sobretudo da América Latina, para realizar a de(s)colonização deste continente de forma abrangente, o que inclui não apenas a político-administrativa, como também as outras dimensões da existência relacionadas ao poder, ao saber e ao ser.

Trata-se de uma empreitada que vem produzindo resultados expressivos. Primeiro, decorre de uma longa tradição de luta contra a colonização. Esta, teve início, como assevera Maldonado-Torres (2008), com o “horror ao mundo da morte” provado pelo colonizador. É aí que surge, ainda conforme este autor, a “atitude decolonial”, que possibilita tanto a tomada de consciência ético-política da violência da colonização, como a emergência de saberes outros voltados para desconstruir o poder colonial/moderno. Segundo, atravessa estes cerca de quinhentos anos de colonização e consolida-se atualmente em atitudes decoloniais sustentadas por experiências de luta e sobrevivência à hegemonia da colonialidade/modernidade, como também pela produção de uma epistemologia, ou, como quer Mignolo (2003), por uma gnosiologia, que tem mudado as regras do jogo em favor de uma realidade pluri-versal e não mais universal, sob a tutela da ideologia da colonialidade/modernidade ocidentalocêntrica.

Não é possível afirmar, no entanto, que a guerra foi vencida; longe disso. Trata-se de um momento oportuno para vencer batalhas, dado tanto à crise da modernidade (QUIJANO, 2010; MIGNOLO, 2003), como à própria consolidação do giro decolonial por meio das epistemologias (gnosiologias) decoloniais. Mignolo (2003) chega a afirmar que trata-se de um processo irreversível.

Ao se destacar o giro decolonial afirmado a partir da decolonialidade é preciso também considerar suas especificidades. Não se pode confundir decolonização (decolonialidade) com descolonização em seu sentido abrangente, embora o primeiro esteja no âmbito do segundo. A decolonialidade só se realiza, em linhas gerais, a partir do reconhecimento da diferença colonial e da emergência do pensamento liminar, como discutido alhures. Estas condições remetem ao entendimento de que o giro decolonial tem como escopo a

busca por “humanidades negadas” nos processos de colonização realizados a partir deste continente e que tornou-se o mais vigoroso sistema de dominação da história, ancorado nas ideologias da colonialidade e da modernidade, que em sua versão atual, no bojo do sistema-mundo colonial/moderno capitalista, se apresenta como a globalização neoliberal.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.11, Brasília, p. 89-117, mai./ago., 2013.

BOMFIM, Manoel. **América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. Introducción: la translocalización discursiva de latinoamérica en tiempos de la globalización. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. **Teorías sin disciplina**: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998a.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. **Teorías sin disciplina**: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 50-62.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.133-168.

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aime Cesaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporaneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 63-77.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar., 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/697>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 396-443.

MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 9, p. 61-72, jun./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a05.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, pp. 127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado** – Vol. 31. n. 1 jan./abr., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00075.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política**. Lima: Amauta, 1969.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. 3ª. ed. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

MIGNOLO, Walter. Desafios coloniais hoje. **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR, 1(1), pp. 12-32, 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Rob%C3%A9rio/Downloads/772-2646-1-PB.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em político. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008b. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad e gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. El Pensamiento Decolonial: desprendimiento y apertura. Un Manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (eds.). **El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura: un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, n. 8, p. 243-282, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n8/n8a13.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MIGNOLO, Walter. La opción descolonial. **Letral**, Revista Electrónica de Estudios Transatlánticos. Universidad de Granada, n. 1, p. 4-22, 2008a. Disponível em: <<https://revistaseug.ugr.es/index.php/letral/article/view/3555/3543>>. Acesso em 15 jan. 2020.

MIGNOLO, Walter; PINTO, Júlio Roberto de Souza. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/20580/13966>>. Acesso em: 17 jan. 2020.



PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR. Disponível em: <file:///C:/Users/Rob%C3%A9rio/Downloads/16231-57117-2-PB.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 107-130.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, globalização e democracia. **Diplomacia, Estratégia e Política**/Projeto Raúl Prebisch, n. 6, p. 132-179 abr./jun., 2007.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a pátria grande. 3ª. ed. São Paulo: Global, 2017.

RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. **América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: estudos de antropologia da civilização. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **Os brasileiros**: teoria do Brasil. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno**: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Vol. 1. Porto: Afrontamentos, 1990.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

### D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

### E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

### F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

### G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

### I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

### L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

### M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

## **P**

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282


## **S**

Sabedoria popular 102

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

ALINE FERREIRA ANTUNES  
(ORGANIZADORA)

Atena  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

# 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 